

Aproximações e distanciamentos entre os romances *Terra caída* (1961), de JoséPotyguara, e *Maria de todos os rios* (1992), de Benedicto Monteiro

Approximations and distances between the novels Terra caída (1961), by José Potyguara, and Maria de todos os rios (1992), by Benedicto Monteiro

Rebeca Freire Furtado¹

Marlí Tereza Furtado²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir acerca dos distanciamentos e aproximações entre os romances *Terra caída* (1961), de José Potyguara, e *Maria de todos os rios* (1992), de Benedicto Monteiro. Desse modo, pretende-se confrontar as duas obras no que diz respeito à figuração da Amazônia e as relações desiguais no trabalho da seringa e da garimpagem de ouro. No primeiro momento, buscou-se discorrer sobre os aspectos históricos da economia gomífera e do garimpo de ouro, bem como as suas representações na literatura brasileira; em seguida, apresentou-se os escritores José Potyguara e Benedicto Monteiro como autores da literatura da Amazônia; por fim, analisou-se os dois romances a fim de cumprir com os objetivos levantados. Para tanto, utilizou-se como referencial teórico textos que discutem sobre o período da borracha e de Serra Pelada, além de obras que tematizam a literatura e a figuração da Amazônia. Neste sentido, observou-se que apesar dos romances apresentarem momentos diferentes, pois enquanto o primeiro é ambientado no período da saga da borracha na Amazônia, o segundo apresenta o garimpo de Serra Pelada, é possível observar que eles se detiveram em figurar o espaço amazônico e as condições de trabalho desiguais.

Palavras-chaves: José Potyguara; Benedicto Monteiro; Seringal; Garimpo.

Abstract: This study aims to analyze the approximations and distances between the novels *Terra caída* (1961), by José Potyguara, and *Maria de todos os rios* (1992), by Benedicto Monteiro. Thereby, it is intended to confront these books with regard to the figuration of the Amazon and the unequal relations in the work on rubber plantation and gold mining. Firstly, we sought to discuss the historical aspects of the rubber plantation economy and gold mining and their representations in Brazilian literature; then, the writers José Potyguara and Benedicto Monteiro were presented as authors of Amazonian literature; finally, the novels were analyzed in order to fulfill the raised objectives. Therefore, texts that discuss the rubber period and Serra Pelada's mining were used as a theoretical reference, in addition to works that thematize the literature and figuration of the Amazon. In this sense, it was observed that although the novels present different contexts, because the first is set in the period of the rubber plantation and the second presents the Serra Pelada's mining, it is possible to observe that they thematized the Amazonian space and the unequal working conditions.

Keywords: José Potyguara; Benedicto Monteiro; Rubber plantation; Mining.

¹ Mestranda em Letras – Estudos Literários no Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA) e bolsista CAPES. E-mail: rebecafurtado@ufpa.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4692-2337>

² Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora de Literatura no curso de Letras e no Programa de pós-graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: marlitf@ufpa.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7597-7834>

1 Considerações iniciais

Terra caída (1961), de José Potyguara, e *Maria de todos os rios* (1992), de Benedicto Monteiro, são dois romances que estão situados na chamada literatura da Amazônia, uma vez que eles tratam esta região como ponto de partida e não como um fim em si mesma (FERNANDES, 2004). Dessa forma, os respectivos autores procuraram delinear este espaço e as suas contradições.

Enquanto o primeiro é ambientado no seringal acreano, no período da borracha que vai do final do século XIX até meados do século XX, o segundo apresentou o garimpo de Serra Pelada da segunda metade do século XX e as suas problemáticas sociais e ambientais, relacionando, assim, história e literatura. Vale destacar que essa relação construída entre literatura e história já foi discutida por alguns autores, como é o caso de Luiz Costa Lima, em *Sociedade e discurso ficcional* (1986). Segundo o autor, a literatura latino-americana é apreciada a partir do veto ao ficcional e apreço ao documento, por isso não nos surpreende que as duas narrativas aqui tratadas, em muitos momentos, evidenciem essa inclinação para a documentalidade.

Assim, cabe tratar, brevemente, destas duas obras, primeiramente de *Terra caída*, o segundo romance do escritor cearense de alma acreana José Potyguara, publicado em 1961. Nele, é narrada a trajetória de Chico Bento de Albuquerque, um cearense que foge da seca do Nordeste e migra para o Acre. O *leitmotiv* deste livro, portanto, é a adaptação deste personagem no espaço do seringal de Antônio Monteiro, Coronel autoritário que tratava os seringueiros como seus escravos, evidenciando as desigualdades existentes entre o dono do seringal e os trabalhadores que ali estavam.

Já *Maria de todos os rios*, publicado pela primeira vez em 1992 e escrito por Benedicto Monteiro, é construída a partir do relato de Maria à Dalva, pesquisadora, socióloga e psicóloga que entrevista a personagem e faz papel de narratário, ou seja, a sua interlocutora (GENETTE, 1995). Em sua narração, ela enfatiza a sua passagem por espaços da Amazônia paraense, como Vila da Barca, região periférica da cidade de Belém, o subúrbio de Alenquer, Marabá, Itaituba, Curionópolis e o garimpo de Serra Pelada, este último o foco da protagonista em sua narração, pois, dos vinte e um capítulos do romance, em dezesseis, traz as memórias vividas neste território.

Assim, apesar dos romances de Potyguara e Monteiro tratarem de momentos

diferentes da região amazônica, eles se aproximam por figurarem este território em suas narrativas e por representarem as relações de trabalho desiguais tanto no seringal quanto no garimpo. Vale destacar que, apesar de notarmos aproximações, também é perceptível a presença de distanciamentos, é o que buscaremos discutir.

Neste sentido, este trabalho tem por objetivo discutir acerca dos distanciamentos e aproximações entre os romances *Terra caída* (1961), de José Potyguara, e *Maria de todos os rios* (1992), de Benedicto Monteiro, dando destaque à figuração da Amazônia e às relações desiguais no trabalho da seringa e da garimpagem. Por isso, buscaremos responder algumas questões, como: em que medida as obras se aproximam ou distanciam? Como elas figuram a Amazônia? Há recuo ou avanço nessa representação? Como se dá a relação entre patrão e empregado? É desigual? Perseguiremos tais questões de acordo com o objetivo traçado e a metodologia, que é constituída em três momentos: primeiramente, discorreremos acerca dos aspectos históricos do período da borracha e do garimpo de Serra Pelada, bem como as suas representações na literatura brasileira; depois, apresentaremos os dados biográficos e as obras de José Potyguara e Benedicto Monteiro; no final, apresentaremos a análise literária dos dois romances a fim de perceber como os referidos aspectos são construídos.

O referencial teórico é encontrado em textos que discutem o período da borracha e de Serra Pelada (WOLFF, 1998; BUENO, 2012; LEANDRO; 2016; LOUREIRO, 1995; MATHIS, 1995), além de obras que tematizam a literatura e a figuração da Amazônia (GONDIM, 1994; SAID, 2007; MONTEIRO, 2016). Com isso, poderemos perceber que, apesar das obras retratarem momentos históricos diferentes, elas se detiveram em figurar, às suas maneiras, o espaço amazônico, e as condições de trabalho desiguais.

2 Amazônia em narrativas: a saga da borracha e o garimpo de Serra Pelada

Quando se pensa na região amazônica, é comum notarmos que há um imaginário social acerca do que é esta região e o que é, de fato, a realidade. Para muitos, a Amazônia é vista como um lugar “outro”, uma terra sem ninguém, inabitável e perigosa, reflexo do que Chimamanda Ngozi Adichie entende por “história única”. Em *O perigo de uma história única* (2018), a escritora nigeriana revela o risco de ouvirmos somente uma versão da história sobre o continente africano. Ela defende a ideia de que uma história única é criada quando se tenta definir um povo como uma coisa só, pois, com isso, esse povo será marcado

somente por aquela descrição, geralmente carregada de valoração negativa (ADICHIE, 2009). Apesar de focalizar a sua discussão nos estereótipos construídos sobre a África, é possível pensarmos que também houve a construção de uma história única sobre a Amazônia.

Neide Gondim, em *A invenção da Amazônia* (1994), comprova isso. A autora defende a ideia de que muitos foram aqueles que olharam para este território pelo viés da dicotomia entre inferno verde ou paraíso edênico. Para isso, ela recupera o momento da chegada dos colonizadores em terras brasileiras para marcar de onde vieram os discursos hegemônicos levantados sobre essa região. Segundo Gondim (1994), a Amazônia não foi descoberta, mas inventada pelo europeu, que, ao chegar em nosso solo, já possuía uma concepção prévia formada sobre a região. Por isso, ela vai apontar que esse imaginário não é recente, pois sempre houve o pensamento de que existia um lugar que representaria o paraíso e outro o inferno. Assim, foi construída uma visão da Amazônia de forma dicotômica, sendo que, nas duas maneiras, ela é vista como um espaço aguardando a sua colonização e exploração.

Ponto de vista semelhante foi construído por Edward Said no livro *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente* (2007). Segundo ele, o Oriente foi uma invenção do Ocidente, considerando que, neste espaço, os colonizadores também criaram, violentamente, conceitos e imaginários acerca deste território. Por isso, assim como ocorre com o espaço tematizado por Said (2007), a Amazônia também é lida como um local menos evoluído.

Outro autor que versou sobre o assunto foi o historiador manauara Mário Ypiranga Monteiro, em *História da cultura amazonense* (1977). Apesar de deter a sua discussão em torno do estado do Amazonas, ele reconhece que a Amazônia ficou isolada do restante do país e a sua cultura passou a ser menosprezada, o que fez com que se tornasse, para muitos, um espaço vazio. Ele chega a recordar que, durante a década de 70, conheceu um repórter que acreditava não haver gente em Manaus, capital do Amazonas, o que demonstra o quanto este pensamento estava enraizado na sociedade brasileira e, também, até os dias de hoje. Dessa forma, uma das maneiras de desconstruirmos estes estereótipos é dando destaque à literatura produzida sobre esta região, que é o que se buscou neste trabalho.

Em relação ao período da economia gomífera na Amazônia, faz-se necessário recuperar breves apontamentos históricos para melhor compreender a produção literária que se centraliza neste momento e o romance a ser estudado. Para Rafael Voigt Leandro (2006), o início da sagada borracha, na região, foi a partir do momento em que os produtos feitos com

este material atraíram os norte-americanos. Então, a partir de 1850, ela se tornou o produto principal de exportação da região. A borracha, que era produzida a partir da extração do látex, teve seu auge entre os anos de 1870 e 1912; posteriormente, a sua produção foi retomada por três anos, entre 1942 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial. Com isso, pode-se verificar que o período histórico da borracha é marcado, principalmente, pelo interesse dos europeus em colonizar e explorar este espaço.

Sobre esse assunto, Ricardo Bueno, em *Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização* (2012), afirma que:

O ciclo da borracha alterou de maneira significativa, não apenas a economia, mas também as relações sociais e culturais no Brasil de finais do século XIX. As duas mais importantes vertentes do processo dizem respeito, de um lado, às formas brutais de exploração da floresta, e de outro, à riqueza proporcionada pela borracha, que alterou completamente dois centros urbanos, Manaus e Belém, os quais, de cidades inexpressivas, em pouco tempo passaram a figurar como importantes e modernas metrópoles brasileiras (BUENO, 2012, p. 39).

Nota-se que a saga da borracha foi um importante momento histórico que marcou a economia, as relações sociais e culturais do país, como atesta o autor no trecho em destaque. No entanto, o que para muitos trouxe riqueza, para outros o que restou foi apenas exploração. Cristina Wolff (1998) é uma das autoras que focaliza as problemáticas dos seringueiros, principalmente por uma perspectiva de gênero e raça. Segundo ela, as mulheres indígenas foram as que mais sofreram na mão dos homens seringueiros, pois “eram caçadas e vendidas, ou tomadas como mulheres pelos seus próprios captadores, após um período de ‘amansamento’” (WOLFF, 1998, p. 11), abandonando a posição de seres humanos para se tornarem objetos.

Devido a relevância deste momento, muitos foram os escritores que tematizaram a saga gomífera, o que fez com que se tornasse uma tendência da literatura brasileira, sobretudo durante o século XX. Portanto, as obras *Inferno verde* (1908), de Alberto Rangel; *À margem da história* (1909), de Euclides da Cunha; *A selva* (1930), de Ferreira de Castro; *Terra caída* (1961), de José Potyguara; *Coronel de Barranco* (1970), de Cláudio de Araújo Lima; e *Seringal* (1972), de Miguel Ferrante, são alguns dos livros que estão inseridos na tradição de figurar a era gomífera em suas narrativas. Por isso, concordamos com Leandro (2016) quando afirma que existe um memorial literário amazônico que consiste em retomar a saga da borracha.

Em relação ao garimpo de Serra Pelada, vale destacar que em *Cultura amazônica: umapoética do imaginário* (1995), João de Jesus Paes Loureiro afirma que a existência desse espaço só foi possível devido a Ditadura Militar de 1964. Neste período, a Amazônia sofreu várias transformações, sobretudo a partir da década de 70, tendo em vista que a crise gerada com o período ditatorial fez com que fossem criados projetos de desenvolvimento da região amazônica, que tinham por objetivo colonizar e explorar, sem se atentar ao meio ambiente que viria a ser deteriorado. Entre os referidos projetos, tem-se o desenvolvimento de Serra Pelada, que teve ação direta dos militares. Assim, de acordo com Renato Lima e Samira Bueno (2022):

Desde os anos de 1980 quando o Programa Nacional de Desenvolvimento anunciou o Programa Grande Carajás, a mineração vem se destacando enquanto uma importante atividade geradora de riqueza, mas também por se tratar de uma acumulação por espoliação que gera desigualdades sociais e desequilíbrios ambientais (LIMA; BUENO, 2022, p. 27).

Dessa maneira, parece-nos que, assim como ocorreu no período da borracha, o garimpo de ouro na Amazônia trouxe riqueza para uns e exploração para outros, uma vez que as desigualdades sociais foram ainda mais acentuadas, neste momento. Além disso, é possível constatar as consequências para o próprio meio ambiente amazônico, já que, ao contrário da extração do látex que é preciso que existam árvores para o processo acontecer, o garimpo é realizado por meio da exploração e do sucateamento do território amazônico.

Com a intervenção militar, o Governo Federal “se impõe como dono de garimpo na Serra Pelada e define as regras que organizam a vida dos trabalhadores, controlando também, rigidamente, a entrada e saída de pessoas do garimpo” (MATHIS, 1995, p. 7), especialmente mulheres e crianças, além de bebidas alcoólicas e armamento. Mathis (1995) mostra que a proibição das mulheres e bebidas alcoólicas diminuiu uma parte dos conflitos na região, mas não resolveu a questão mais complexa, que era a formação de uma sociedade nos arredores do garimpo, como vilas e curutelas, marcadas pela violência e opressão.

Em relação à figuração do garimpo amazônico na literatura brasileira, ainda não é possível constatar que será uma tendência, considerando que este período ainda é recente. Apesar disso, já se pode observar algumas produções que giram em torno deste momento, como os livros *A mulher do garimpo: o romance no extremo sertão do Amazonas* (1976), de Nenê Macaggi, ambientado em um garimpo do estado de Roraima; *Meninas da noite - a*

Prostituição de Meninas-Escravas no Brasil (1992), escrito pelo repórter Gilberto Dimenstein, que embora não seja uma obra ficcional, inicia um debate importante sobre o tráfico e a prostituição infantil no garimpo; *Maria de todos os rios* (1992), de Benedicto Monteiro, em que boa parte da narrativa se centraliza no garimpo de Serra Pelada; *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005), de Marçal Aquino, romance ambientado em Serra Pelada e que evidencia a tensão existente entre a empresa mineradora e os garimpeiros; por fim, gostaríamos de fazer uma menção honrosa ao escritor paraense Airton Souza, que venceu, no mês de maio de 2023, o Prêmio Sesc de Literatura com um romance ambientado no garimpo de Serra Pelada, intitulado *Outro outono de carne estranha*, a ser lançado no segundo semestre deste ano.

Com isso, foi possível notar que a saga da borracha e o garimpo de ouro de Serra Pelada foram dois momentos históricos relevantes para a região amazônica e que se mostraram presentes na literatura brasileira. Assim, apresentaremos abaixo dois escritores que procuraram tematizar, às suas maneiras, estes períodos.

3 José Potyguara e Benedicto Monteiro: autores que narraram histórias da Amazônia

José Potyguara e Benedicto Monteiro foram dois escritores brasileiros que retrataram, de maneiras diferentes, a vida dos indivíduos na Amazônia. Enquanto o primeiro tematizou os seringais do período da borracha, que vai do século XIX ao século XX, no até então Território Federativo do Acre, o segundo trouxe o homem em contato com a Amazônia paraense em diversos contextos, especialmente da Ditadura Militar de 1964 e do garimpo de Serra Pelada, além de mostrar a linguagem utilizada nesta região. Apresentamos, primeiramente, Potyguara. José Potyguara da Frota e Silva (1903-1991) é natural de Sobral, município do Ceará, e, após se formar em Direito em sua terra natal, mudou-se para o até então Território Federativo do Acre, atuando como Promotor público nos municípios de Tarauacá, antigo Seabra, e Feijó (AC). Anos mais tarde, em 1950, torna-se diretor de pessoal do Ministério de Viação, no Rio de Janeiro, e, em seguida, muda-se para Brasília, assumindo o cargo de assessor jurídico do Ministério do Interior. Atuou, além disso, como escritor de peças, contos, romances e crônicas. Filho de Rita da Frota e Silva e Hipólito de Albuquerque Silva, seu pai foi um dos primeiros nordestinos a desbravar os seringais acreanos, conforme assinala Laura Christo (2020). É possível perceber que, apesar de

Potyguara não ter nascido na Amazônia acreana, os seringais estavam emaranhados na sua existência e memória, principalmente devido à figura paterna que tanto o inspirou e inspirou a muitos outros, e por ter vivido durante boa parte de sua vida no Acre. E foi devido a este espaço que Potyguara iniciou a sua carreira artística e literária como dramaturgo, contista, romancista e cronista, sendo que, com a exceção de uma peça, todas as suas produções giram em torno dos seringais acreanos do final do século XIX.

Seu primeiro livro publicado foi *Sapupema: contos amazônicos*, datado de 1942. Após isso, Potyguara publicou três romances, definidos por Maria Almeida (2018) como uma “trilogia romanesca”, possivelmente por serem obras que estão ligadas ao espaço do seringal. O primeiro deles é *Vidas marcadas*, de 1957; depois, *Terra caída*, em 1961; e o último romance e livro de sua carreira, *Do seringal ao asfalto*, publicado em 1984. Dessa forma, é possível notar que a Amazônia do período da borracha está entranhada na memória de Potyguara, que constrói suas obras tendo como ponto de partida o seringal. Podemos notar a importância deste cearense de alma acreana para a região amazônica, pois além de ser condecorado com um teatro em seu nome, o Teatro Municipal José Potyguara, em 1967, o então Governador do Acre, Jorge Kalume, sancionou a Lei n.º 161, de 18 de dezembro de 1967³, que concedeu a Potyguara o título de cidadão acreano pelos seus serviços prestados ao estado e sua população.

Outro escritor importante para a Amazônia é Benedito Wilfredo Monteiro (1924-2008), carinhosamente apelidado por seus amigos e leitores de Bené. Natural do município de Alenquer, no Baixo Amazonas do estado do Pará, e filho de Ludgero Burlamaqui Monteiro e Heribertina Batista Monteiro, desempenhou, em vida, diferentes atividades que permeiam pelos campos da política, do jornalismo, do magistério e da literatura. As diferentes funções que ele ocupou nos mostram um pouco de sua personalidade, um amazônida inquieto que lutava pelo que acreditava, especialmente na relação do homem com a natureza amazônica.

Em 1943, Monteiro se muda para o Rio de Janeiro, cidade em que reside até 1950 e onde inicia e conclui o científico no Colégio Rabelo, começando a estudar, também, o curso de Direito na Faculdade Nacional de Direito, finalizando somente em 1952 o curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Pará. Após ter se formado, ele chegou a ocupar os cargos de advogado, Promotor, Juiz de Direito, Procurador Geral do Estado, Secretário de

³ Disponível em: <http://www.legis.ac.gov.br/detalhar/814>. Acesso em: 15 jan. 2021.

Estado de Obras, além de atuar como jornalista, professor, vereador e deputado estadual.

A carreira literária de Monteiro foi iniciada em 1945, com a publicação de *Bandeira branca*. No entanto, quase vinte anos depois de sua publicação, o escritor, que exercia o cargo de deputado estadual, foi preso em 17 de abril de 1964, em decorrência do golpe militar de 1964. Maria de Fatima do Nascimento (2004) conta que ele ainda fugira para Alenquer, pois havia se espalhado um boato de que ele seria o primeiro a ser preso e assassinado. Por isso, escondeu-se nas matas, mas, ao saber que já estavam o procurando, entregou-se, sofrendo inúmeras violências e sendo solto somente em 30 de setembro de 1964.

É somente em 1972 que o escritor retoma a sua carreira literária com a publicação de *Verde vagonundo* (1972), que dá início a sua Tetralogia Amazônica, formada, além disso, por *O minossauo* (1975), *A terceira margem* (1983) e *Aquele um* (1985). Abilio Pachêco de Souza (2020) mostra que é possível visualizar que o projeto do escritor era construir uma trilogia que fosse ambientada em Alenquer, com o intuito de discutir certos assuntos que estavam em voga no campo político, como a Guerra Fria e a Ditadura Militar. Além desses livros, publicou, entre contos, romances, poesias, autobiografia, livros didáticos e de literatura infantil, as obras *O carro dos milagres* (1975), *Como se faz um guerrilheiro* (1985), *O cancionero de Dalcídio Jurandir* (1985), *Maria de todos os rios* (1992), *Transtempo* (1993), *Discurso sobre a corda* (1994), *A poesia do texto* (1998), *A terceira dimensão da mulher* (2002), *História do Pará* (2006) e *O homem rio – a saga de Miguel dos Santos Prazeres* (2008).

Dessa forma, mesmo que os dois autores apresentem consonâncias e dissonâncias na narração de histórias amazônicas, bem como recuos e avanços no que diz respeito à figuração deste espaço, compreendemos que tanto Potyguara quanto Monteiro podem ser lidos como autores da chamada “literatura da Amazônia”, pois eles constroem obras que procuram delinear este local e “trazem traços de identificação da região” (FERNANDES, 2004, p. 115). É o que buscaremos apresentar, no tópico a seguir.

4 Terra caída e Maria de todos os rios: aproximações e distanciamentos

Como comentado anteriormente, o livro *Terra caída* é centralizado na trajetória de Chico Bento, personagem que se muda do Ceará para o seringal acreano de Tônico Monteiro com sua esposa e duas filhas: a caçula que, adoecida de um impaludismo, conhecida por malária, morre no primeiro mês após chegar no seringal, e uma mais velha, Maria do Carmo, de doze anos, que sobrevive até o final da trama. É possível perceber, de antemão, que a visão

presente, neste romance, é de uma Amazônia aos moldes infernais que Gondim (1994) havia retratado. É devido a isso que o percurso de Bento e sua família são marcados, constantemente, por lutos e perdas, pois até mesmo quando já estava adaptado ao seringal e a esposa já havia tido outro filho, o narrador vem para confirmar: este é um inferno verde que pode devorar os sonhos e as vidas ali presentes. Essa percepção se dá a partir da morte do filho pequeno de menos de um ano, que é devorado por uma onça.

A tragédia ocorre quando Chico Bento estava trabalhando na extração da seringa enquanto sua esposa Maria realizava as suas atividades domésticas e Maria do Carmo, sua filha, cuidava do irmão pequeno. Em determinado momento, a menina precisou buscar água no igarapé e o deixou sozinho. O seringueiro, que trabalhava a apenas dez minutos da barraca, escutou os gritos dentro da mata, o que fez com que se dirigisse ao seu lar, encontrando a esposa e filha assustadas, que lhes contaram o que se sucedeu. No momento que a menina se ausentou, uma onça entrou na barraca e levou em seus dentes o irmão pequeno, de apenas oito meses. Para além do fato de evidenciar a dor da perda e o trauma de Maria e Bento, o narrador mostra a sua visão acerca da Amazônia, representada por ele como um espaço perigoso, que pode levar os filhos ou pela malária ou devorado por uma onça. Vejamos como o narrador figura este espaço no segundo capítulo do romance:

A grande distância, a incômoda viagem em morosos gaiolas, as dificuldades de comunicação sem correio nem telégrafo, o espantinho das doenças, tudo isso agravado pelas histórias de animais ferozes e de índios antropófagos, fazia da região amazônica um mundo misterioso, um degredo sob o domínio da morte, uma espécie de vestibulo do inferno, que só homens – e nem todos – ousavam conhecer (POTYGUARA, 2007, p. 15).

Chama-nos atenção, no trecho acima, as imagens construídas acerca do território amazônico, atreladas à ideia defendida por Gondim (1994) de que muitos foram aqueles que olharam para a Amazônia pelo viés da dicotomia inferno verde ou paraíso edênico. O narrador descreve cada uma das possíveis dificuldades presentes no seringal: a distância, a dificuldade de acesso, as doenças, os animais ferozes, “índios” que poderiam vir a realizar a antropofagia, tudo ratificando a ideia de um lugar que seria “vestibulo do inferno”. Por isso, observamos que Potyguara acaba por recuar ao retratar este espaço como um lugar perigoso que representa o inferno na terra, muito influenciado, observamos, pelo escritor Alberto Rangel (1871-1945).

Quando pensamos na representação do inferno verde em diferentes textos, não podemos

deixar de mencionar o livro de contos de Alberto Rangel, *Inferno verde* (1908). Prefaciado pelo amigo e escritor Euclides da Cunha, a obra conta com onze narrativas que não focalizam apenas o espaço do seringal, mas em “um quadro mais abrangente da Amazônia, de tal modo a, tal como Cunha, instalar a contra face do paraíso amazônico” (FURTADO, 2021, p. 529). Apesar disso, os contos trazem muito mais um caráter descritivo que uma complexidade narrativa. De certa forma, Potyguara acaba seguindo alguns preceitos estabelecidos na obra de Rangel, principalmente no que diz respeito à construção da imagem de um lugar hostil e no apreço pela descrição. Vejamos um trecho do capítulo doze que vem confirmar essa constatação:

Súbito, quebrando o silêncio do lago, um grito de angústia seguido do bater das asas em revoadas. A cotia imprudente, que se aproximara da beira para beber, foi enlaçada pelo abraço traiçoeiro de uma jibóia-açu. Apavorado, o pequeno roedor debate-se entre as rodilhas da serpente, que logo mergulha com a presa. Cenário frequente dessas lutas de seres que se entredevoram, o lago volta ao silêncio do ermo (POTYGUARA, 2007, p. 63).

No trecho em destaque, observamos tanto o fator da Amazônia como um lugar perigoso e hostil pelos animais que ali disputavam o espaço, como os excessos descritivos dos elementos da floresta, que nada parecem acrescentar de complexidade à narrativa. Note-se que, por conta disso, Potyguara acaba pecando pelo excesso descritivo e por perceber a floresta amazônica como um local de disputas, em que a natureza sempre será soberana em relação ao homem. Em outro momento, ele confirma, novamente, essa soberania, quando a personagem Trindade tem a sua perna esquerda devorada por um jacaré. Sendo assim, estas seriam formas de recuo na obra de Potyguara, que no lugar de narrar histórias de personagens que têm suas pernas arrancadas por jacarés ou onças que levam crianças entre os dentes, poderia ter dado maior espaço para os conflitos das personagens.

Apesar disso, é importante pontuar que notamos que o escritor de alma acreana tematiza muito bem a relação de desigualdade existente no seringal. De acordo com Keila Oliveira, Miguel Nenevé e Sônia Sampaio (2016, p. 23), o Coronel Monteiro é o dono do seringal, “portanto, tudo deve estar de acordo com sua vontade, nem que para isso tenha que passar por cima da ética, moral e decência. E aos que vivem à mercê de suas próprias leis. De acordo com o autor, resta apenas baixar a cabeça num ato de condescendência e submissão”. Por isso, não é de se surpreender que essa relação desigual seja tão marcante no romance de Potyguara.

Monteiro, caracterizado como autoritário e temido, herdara o seringal de seu pai, aos 22

anos de idade, e desde então administrara este espaço, proibindo plantação em sua terra e obrigando os seringueiros a se endividarem com o sistema de aviamento, que fazia com que ficassem sempre presos nessa terra. O aviamento se dava a partir da venda de mantimentos para o seringueiro, que, para quitar a dívida, precisava trabalhar dobrado para pagar o coronel de barranco (WOLFF, 1998). Assim, a riqueza ficava somente nas suas mãos e os seringueiros se mantinham trabalhando para poder pagar a dívida, sem nada lucrar.

Tonico, em certo momento da narrativa, chega a dizer: “– No meu seringal, quem manda sou eu. Eu só! Aqui, sou delegado, juiz, rei, papa, o diabo! Ninguém se meta a besta! Quem faz a lei sou eu: aqui, é bala!” (POTYGUARA, 2007, p. 28). Assim, conseguimos perceber que o dono do seringal se comporta como um ditador, exercendo seu poder e autoritarismo contra quem ousasse desobedecer às regras de seu seringal. Ao fim, após descobrir que sua esposa tinha um caso extraconjugal com Paulinho, seu sobrinho, ele perde parte importante de sua propriedade com o fenômeno das terras caídas, inspirando um sentimento de justiça nos moradores, como fala o personagem Trindade: “– A culpa é dele. Queria matá os seringueiro de fome! Que adiantou a sovinage! Agora, a mercadoria tá todinha no fundo do rio! Não tenha dúvida: o dedo de Deus t’ái!” (POTYGUARA, 2007, p. 279). Dessa forma, podemos perceber que há, na narrativa de Potyguara, a tematização da exploração do trabalhador seringueiro e de todos os outros indivíduos que vivem em sua terra.

Sobre *Maria de todos os rios*, observamos aproximações e distanciamentos em relação ao romance de Potyguara. Primeiramente, é preciso destacar que Monteiro não vai pelo caminho da descrição da Amazônia como um lugar infernal, muito pelo contrário, a sua narrativa busca enfatizar tanto a exploração da mão de obra barata em Serra Pelada quanto a exploração do meio ambiente amazônico. Por isso, a obra se apresenta como inovadora por focar nas problemáticas ambientais e sociais do garimpo de Serra Pelada e de seus personagens desvalidos, como é o caso de rapazes que veem na mineração uma oportunidade para enriquecer, embora a riqueza adquirida fique na mão de poucos e este território sofra as consequências dessa prática.

É devido a essas problemáticas que notamos que na obra de Monteiro, vida e morte andam lado a lado: da natureza, alterada a partir da garimpagem, ou dos indivíduos ali presentes. Dessa forma, os dramas e as dores das personagens, dessa vez, não são decorrentes da magnitude da natureza e da sua possível superioridade em relação ao homem, tampouco fazem relação com o inferno verde ou o paraíso edênico indicados por Gondim (1994) e que são

retomados por Potyguara, mas ocorrem devido ao próprio capitalismo selvagem que empurra aqueles que ali estão em direção à enorme cava formada pela garimpagem de ouro.

Vale destacar que, apesar de Potyguara pecar pelo excesso descritivo e por acabar recuando ao vislumbrar a Amazônia como um espaço perigoso, ele também denunciou as leis capitalistas presentes no seringal, principalmente quando mostrou a figura de Tônico Monteiro, o seringalista, em contraste com os seringueiros, endividados devido a um sistema que os aprisionava naquela terra. Mesmo assim, é possível notar que, em *Maria de todos os rios*, o capitalismo fica mais claro por ser focalizado no espaço único do garimpo e na destruição da natureza de uma forma cruel, fazendo com que, assim, a destruição seja ressaltada. Vejamos o momento em que Maria está em Serra Pelada a visualiza o trabalho garimpeiro:

Eu ia para a cava e ficava apreciando o desfile daquele mundo de homens. Descendo e subindo o escavado da terra, que era um imenso buraco afunilando pra baixo. Embaixo, era um grande esburacado que, quando chovia, se enchiamais de água. Quando liberaram a Serra para a entrada de mulheres, o fundo da cava já era um pequeno lago. Muitas bombas instaladas em balsas flutuantes, trabalhavam dia e noite pra esgotar a água empossada, que encobriamuitos barrancos. A subida e descida de homens, já era feita por imensas escadas. Tudo a céu aberto. Dependendo do sol e da chuva. (MONTEIRO, 1995, p. 88).

O trecho em evidencia traz um dos elementos mais interessantes do romance de Potyguara: a denúncia da exploração do território amazônico devido a uma utopia de enriquecer, e a própria exploração dos garimpeiros, que se submetiam a situações degradantes e ainda perdiam o ouro que haviam adquirido. Se em *Terra caída* o poder está centralizado nas mãos de Tônico, na obra em questão o poder está nas mãos do autoritário Curió, que “mandava na Serra Pelada por ordem do Presidente da República” (MONTEIRO, 1995, p. 46). Com isso, fica evidente que Benedicto Monteiro procurou denunciar as condições vividas neste espaço e as violências cometidas por Curió e seus subordinados.

Além disso, na cena narrada acima, a narradora enfatiza as consequências da exploração do meio ambiente amazônico, pois o buraco que estava sendo escavado já havia aumentado de tamanho, sendo necessária a instalação de bombas para que a água não ficasse presa e interferisse no trabalho a ser desenvolvido. No entanto, ela rememora que este ambiente, mesmo deteriorado, continuou sendo uma utopia para aqueles que gostariam de ascender socialmente, pois, mesmo com o passar do tempo, ainda “milhares de pessoas, homens, mulheres e crianças,

ainda sonham de arrancar o ouro daquela pirâmide do avesso, que em vez de apontar para o céu, como os monumentos do Egito, cada vez mais se afundavam na terra, deixando os homens também mais pequeninos” (MONTEIRO, 1995, p. 152). Dessa forma, a percepção da existência de um paraíso edênico ainda se mostra prevalente para alguns personagens, mesmo que a realidade de Serra Pelada evidencie o oposto a isso.

5 Considerações finais

Este trabalho tinha por objetivo discutir acerca dos distanciamentos e aproximações entre os romances *Terra caída* (1961), de José Potyguara, e *Maria de todos os rios* (1992), de Benedicto Monteiro, focalizando os aspectos da figuração da Amazônia e das relações desiguais construídas no trabalho da seringa e da garimpagem de ouro. Com isso, foi possível notar que tanto José Potyguara quanto Benedicto Monteiro se detiveram em figurar o espaço amazônico brasileiro e as relações desiguais estabelecidas no trabalho da seringa e da garimpagem. Embora as duas obras possuam características particulares, uma vez que elas apresentam esses aspectos de formas díspares, elas acabam se aproximando devido à temática tratada.

Além disso, foi possível constatar a necessidade de se pesquisar e confrontar obras da literatura da Amazônia, a fim de perceber de que maneira elas se aproximam na figuração deste espaço. Foi o que procuramos apresentar neste estudo, que aqui não se esgota, tendo em vista que além dos aspectos tratados, existem outros fatores que se aproximam e se distanciam nas obras em questão, como é o caso da construção de personagens racializados e a vasta figuração do feminino.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Maria. **A presença feminina nos seringais do Alto Juruá na obra Terra caída, de José Potyguara**. Orientador: Hélio Rodrigues da Rocha. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2018.

AQUINO, Marçal. **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia**: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012.

CHRISTO, Laura. **Quem são as mulheres em Terra Caída? Um encontro entre o feminismo e o pós-colonialismo**. Orientador: Miguel Nenevé. 2020. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2020.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da noite - a prostituição de meninas-escravas no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

FERNANDES, José. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica? **Graphos**, João Pessoa, Vol. 6, n.º2/1, p. 111-116, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9540/5188> Acesso em 4 ago. 2022.

FURTADO, Marlí. Narrativas amazônicas. In: JOBIM, José; ARAÚJO, Nabil. SASSE, Pedro (org.). **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021, p. 519-544.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1995. GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

LEANDRO, Rafael Voigt. **Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

LIMA, Luiz Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LIMA, Renato; BUENO, Samira. **Cartografias das violências na região amazônica**: relatório final. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cultural Brasil, 2015.

MACAGGI, Nenê. **A mulher do garimpo**: romance do extremo sertão norte do Amazonas. Manaus: Imprensa Oficial, 1976.

MATHIS, Armin. Serra Pelada. **Papers do NAEA**, Belém, n. 050, p. 1-19, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/download/11954/8270> Acesso em 21 jan. 2022.

MONTEIRO, Benedicto. **Maria de todos os rios**. Belém: CEJUP, 1995.

MONTEIRO, Mário Ypiranga (1909-2004). **História da Cultura Amazonense**: I e II. Manaus: Fundo Municipal de Cultura, 2016.

NASCIMENTO, Maria de Fatima do. **A representação alegórica da ditadura militar em O Minossauero, de Benedicto Monteiro**: fragmentação e montagem. Orientadora: Suzi Frankl Sperber. 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

OLIVEIRA, Keila; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. Discurso e poder: um olhar sobre a obra Terra caída, de José Potyguara. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – IGARAPÉ**, Porto Velho, v.1, n.2, p. 18- 28, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/1614> Acesso em: 10 mai. 2023.

PACHÊCO DE SOUZA, Abilio. **"No rastro e no rumo das palavras", dos fragmentos, da história brasileira recente na obra de Benedicto Monteiro**. Orientador: Márcio Orlando Seligmann-Silva. 2020. 246 f. Tese (Doutorado em Teoria e História literária), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

Paraense Airton Souza vence Prêmio Sesc de Literatura edição de 2023 com o melhor Romance. **O Liberal**, Belém, 24 de mai. de 2023. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/paraense-airton-souza-vence-premio-sesc-de-literatura-edicao-de-2023-com-o-melhor-romance-1.684878> Acesso em: 28 mai. 2023.

POTYGUARA, José. **Terra caída**. São Paulo: Globo, 2007. RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. Tipografia Minerva: s/l, 1914.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Marias, Franciscas e Raimundas**: uma história das mulheres da floresta. Alto Juruá, Acre, 1890-1945. Orientador: Maria Odila Leite da Silva Dias. 1998. 284 f. Tese (Doutorado em História social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.